



Rainha
TEATRO DA RAINHA



Rainha

desenho de José Rodrigues

FALAS DO FALO
e da boca do corpo

FALAS DO FALO E DA BOCA DO CORPO (e da má-língua)

Poesia erótica e satírica de língua portuguesa

- (*Ciclo*) - **Herberto Hélder** [1930]
Amor, pois que é palavra essencial – **Drummond de Andrade** [1902-1987]
Epithalamium (excertos) – **Fernando Pessoa** [1888-1935]
Nosso Senhor! Como ando eu coitado – **Martim Soares** [século XIII]
Nunca te foram ao cu – **António Botto** [1897-1959]
Todos quanto aqui estão – **António Lobo de Carvalho** [1730?-1787]
Não lamentos, ó Nise, o teu estado – **João Vicente Pimentel Maldonado** [1773-1838]
Naquelas eras corruptas – **Camilo Castelo Branco** [1825-1890]
Este que vês aqui, formosa dama – **António Lobo de Carvalho** [1730?-1787]
É pau e rei dos paus, não marmeleiro – **Bocage** [1765-1805]
Que gentil feição de damas – **Diogo Fogaça** [século XV]
Donzela, qualquer um entenderia – **Pero D'Armea**
A Quinteira da Panasqueira – **António Maria Eusébio, o «Calafate»** [1819-1911]
Do Gosto dos Namorados – **D. Tomás de Noronha** [?/1651]
Para curar Ana Lopes – **D. Tomás de Noronha** [?/1651]
Deu, Senhora, por sentença – **Luís de Camões** [1524-1580]
Marinha, o teu folgar – **Afonso Eanes de Coton** [século XIII]
Maria Mateu, ir-me quero além – **Afonso Eanes de Coton** [século XIII]
Dizem que o rei cruel do Averno imundo – **Bocage** [1765-1805]
São os cornos dos maridos – **José Agostinho de Macedo** [1761-1831]
Coro de Escarnho e Lamentação dos Cornudos em volta de S. Pedro – **Luiz Pacheco** [1925-2008]
Padre Frei Francisco – **João de Deus** [1830-1896]
A Martinhada (excertos) – **Caetano José da Silva Souto Maior** [1694-1739]
Outra vez a seus pés me lanço aflito – **Anónimo** [século XVIII]
Pois mediste assim crua – **Fernão da Silveira** [?-1489]
Farsa de Inês Pereira (excerto) – **Gil Vicente** [1465?-1536]
Pedi eu o cono a uma mulher – **Pero Garcia D'Amboa** [século XIII]
Mulata Margarida – **José Craveirinha** [1922-2003]
A Cena do Ódio (excertos) – **Almada Negreiros** [1893-1970]
World's News – **Ary dos Santos** [1937-1984]

«TEXTÍCULO» INTRODUTÓRIO

Vamos directos ao assunto que, preliminares, aqui, vão para eliminar.

O poeta Alexandre O'Neill punha a coisa assim:

«A História da Moral

Você tem-me cavalgado/ Seu safado/ Você tem-me cavalgado/ Mas não me pôs/ A pensar como você/ Que uma coisa pensa o cavalo/ Outra quem está a montá-lo».

É que essa Moral dominante, megera marimacho com beatíficos véus a esconder a *lingerie* canalha de faca na liga, continuamente lançou a mão coçante de recônditas partes baixas para saudar as aparências da circumspecta respeitabilidade burguesa (e senhorial, noutros tempos que já lá vão entre as brumas da memória, e que alguns anseiam a despontar, encoberta, por manhãs de nevoeiro, quem sabe...).

Vícios privados/públicas virtudes, era o que era e ainda é!... Exercício hipócrita de intendentes e pios zeladores, já que «só putas desta espécie confundem a Moral com o próprio cu»...

Aos poetas, então, aves raras de altos ventos, sempre foi patente a gana mais ou menos disfarçada (quando não à força bruta) para lhes arrancar as penas (trocando-as pelas de prisão, da indigência forçada; e não foi caso único), de lhes cortar as asas e lhes fechar o bico de cantar Liberdade (do corpo e a outra, que afinal é uma só, a mesma, única; quem a tem chama-lhe sua e até santa. Nossa, de cada dia, deveria ser...).

Vai daí, e para ficarmos apenas pela mesquinhez (uma lástima) das pretensas e pretensiosas elites lusas (aparte: sim, porque na estranha, no «lá fora» hoje tão badalado, os podres e iracundos poderes da pudicícia bacoca, em boa verdade de condição mansa e tolerante tiveram pouco, pouquíssimo, perante a qualidade de escrita clara e desassomburada cuja ousadia transgressora desmascarava a doblez dos bons costumes de sonsos refalsados. François Villon e o senhor Sade, Marquês de, que o digam; é um exemplo, ou antes, dois, entre muitos. Adiante...), para nos quedarmos, dizia, tão só pelas piolhices pátrias, o Bocage no «Auto-Retrato» em que se apresenta «magro, carão moreno» e tal, acabou nas selectas literárias «mais pachorrento» quando, em seu manuscrito, estava «cagando ao vento». Ao Luiz Vaz, censuraram-lhe o episódio da «Ilha dos Amores» (ímpudico e pagão, credo!) para assim se dividir, em catadupa, as orações nos

«Lusíadas» sem quaisquer embaraços.

E por aí fora (e até antes), cortando, adulterando, silenciando no santo ofício dum *Index* perverso de inquisições, perseguições e proibições; livrai-nos do Mal, Ámen...

Nestes aranzéis e linguados, os enquadramentos e citaçõezinhas da praxe calham sempre bem porque conferem uma certa caução erudita e quê. Ora cá vai: Natália Correia, em 1965, na (apreendida) *Antologia de Poesia Erótica e Satírica*, que tinha coligido (e que a levou à condenação em Tribunal, na companhia do editor e outros colaboradores) falava de resgatar e «exumar do cemitério das obras malditas grande parte das poesias» que constituíam o corpo daquela compilação - Malditas, porventura, mas não mal escritas (e, espera-se agora que não mal ditas).

Partimos pois das cantigas medievais de escárnio e mal dizer, passando pelos poemas do *Cancioneiro Geral*, em frente marche rumo à contemporaneidade, levando na boleia vozes mordazes e inconformadas a cantar o júbilo do erótico, o burlesco, o satírico e até o escatológico e o obsceno, gente com tomates suficientes para apontar o dedo ao ridículo e afrontar convenções, porque poetas castrados, não!

(E as mulheres? Naturalmente que as houve, neste domínio, plenas de erotismo delicado, as quais, pela sua sensibilidade autêntica, denunciaram na reacção de boca aberta das escandalizadas matronas, o zero absoluto que estas virtuosas damas tinham no bestunto, idêntico ao de cavalheiros excelentíssimos, regra geral com as nalgas assentes em cadeiras de mando.)

São estas pulsões antiquíssimas, expostas nas celebrações Dionísiascas, nos rituais de fertilidade do Egipto faraónico, nos falos grafitados de Pompeia (Tanto saber! Tanta cultura!), que cruzaram os tempos e de que, porventura, o *ex-libris* caldense, hirto nos seus 5 litros bem medidos, ainda é



resquício.

A mentalidade e a consciência judaico/cristã fez sobressair o «não-dito», uma linguagem paralela de eufemismos, em que pénis é «coiso» ou «pé de cabra mal esfolado» e vulva, «a perseguida» ou «serventia dos homens», exorcizada depois pela poesia popular em leixaprem:

«Laranja doce tem a casca fina, o amor dos homens é uma menina/ Uma menina que saiba a pimenta, o amor dos homens é uma ferramenta/ Uma ferramenta é uma boa alfaia, o amor dos homens está debaixo da saia/ Debaixo da saia está uma amora preta, o amor dos homens está naquela greta».

Ou, por exemplo, na mais abrupta e quase surrealista «Marianita/ dá cá o pito/ que no teu pito/ está o Infinito!» Olhando de frente e a nu, imoral, o que se chama imoral e indecoroso, é mesmo a Miséria, em todos os sentidos, em que nos querem. E há que fintá-la, trocar-lhe as voltas, pôr-lhe os cornos, fazer-lhe um manguito e celebrar a alegria da Vida, com sentido, com sentidos. Portanto, não se acanhem e gozem! Enquanto podem... E nós também!

José Carlos Faria



A

**Luiz Pacheco,
libertino passeante
em Caldas-sur-merdre**

Ilustração de Henrique Manuel in *Textos Malditos* de Luiz Pacheco, Edições Afrodite, 1977



José Carlos Faria e Carlos Borges

Seleção de poemas e versão cénica **José Carlos Faria**

Música **Carlos Alberto Augusto**

Iluminação **Carina Galante**

Interpretação **Carlos Borges e José Carlos Faria**



Produção **Ana Pereira**

Comunicação **Vera Marques**

Guarda-roupa e adereços **Natália Ferreira**

Montagem do espaço **Carina Galante e Filipe Lopes**

Fotografia **Margarida Araújo**

Imagem **Margarida Araújo e José Carlos Faria**

Desenho de **José Rodrigues** 1/20, in *Transformações e Metamorfoses do Sexo*, O Oiro do Dia, Porto, 1980

Agradecimentos



e **Gazeta das Caldas**

ESTREIA ABSOLUTA

**27 DE MARÇO (DIA MUNDIAL DO TEATRO)
NA SALA-ESTÚDIO DO TEATRO DA RAINHA
CALDAS DA RAINHA, 2013**



Rainha
DA TEATRO

M/16 anos
duração aprox.: 1h

INFORMAÇÕES E RESERVAS

966 186 871 | 262 823 302

geral@teatro-da-rainha.com

www.teatro-da-rainha.com

companhia subsidiada



SECRETARIA DE CULTURA

